Xylopia brasiliensis Spreng.

(cortiça, erva doce, pimenta de macaco, pindaíba)

Família: Annonaceae

Sinônimos: *Xylopia gracilis*

Endêmica: sim[5]

Bioma/Fitofisionomia: Mata Atlântica[5]

Recomendação de uso: Restauração, Arborização urbana

A pindaíba é uma arvoreta a árvore notavelmente ornamental, que pode chegar a 30 metros de altura. Ela é encontrada com maior frequência nas planícies litorâneas, em solos rasos e de rápida drenagem, e com menor frequência em solos arenosos e profundos. Seu tronco é reto e bem cilíndrico, com casca externa lisa e de coloração avermelhada a cinzento-escura. As folhas são simples, delicadas e aromáticas. As flores são róseas e os frutos são usados como condimento substituto da pimenta. Sua madeira é apropriada para caixotaria, construção civil, marcenaria e cabos de ferramentas.

Etnobotânica e Histórico

Usos específicos: produtos madeireiros (cabo de ferramentas, caixotaria, tamancos, caibros, tabuados, vigas, construção naval, carpintaria e marcenaria), produtos não madeireiros (alimentação humana, cordas, recurso para fauna, ornamental)[4,3,1]

Características gerais

Porte: altura 10.0-30.0m DAP 30-80cm[4,1,3,9]

Cor da floração: vermelha[2,3]

Flores avermelhadas a róseas.

Velocidade de desenvolvimento: Lenta, Rápida[4,3]

O desenvolvimento das mudas e das plantas no campo é lento, dificilmente ultrapassando 2 metros aos 2 anos de idade (LORENZI, 2002). Apresenta crescimento rápido (BACKES; IRGANG, 2004).

Persistência foliar: Perenifolia[1,3,4]

Sistema radicular: -

Formato da copa: Cônica[2]

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto[2,1,3]

Superfície do tronco: Lisa[1]

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)[4]

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: -

Acúleos ou espinhos: -

Princípios tóxicos ou alergênicos: -

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas[13]

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira, Secundária inicial, Secundária tardia, Clímax[7,3,10,11]

Polinizadores: Besouros.[8]

Período de floração: outubro a fevereiro[2]

Floração de maior abundância em dezembro e janeiro.

Tipo de dispersão: Zoocórica[1]

Agentes dispersores: Aves.[3,4]

Período de frutificação: outubro a fevereiro[2]

Associação simbiótica com raízes: sim[12]

Apresenta média incidência de micorriza arbuscular.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore[4,1]

Os frutos devem ser colhidos quando boa parte deles apresentar abertura espontânea. Em seguida, devem ser mantidos dentro de sacos plásticos, durante alguns dias, para facilitar a remoção manual das sementes.

Tipo de semente: Recalcitrante[1]

Tratamento para germinação: Escarificação mecânica[4,1,3]

Produção de mudas: Canteiros[3,1,4]

A repicagem das mudas para embalagens individuais deve ser feita quando atingirem 4 a 6 cm de altura.

Tempo de germinação: 30 a 50 dias[1,3,4]

Taxa de germinação: -

Número de sementes por peso: 13700/kg[4]

Exigência em luminosidade: Tolerante à sombra[6,7]

Bibliografia

[1] CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2006. v. 2, 627 p.

[2] DIAS, M. C. Estudos taxonômicos do gênero Xylopia L. (Annonaceae) no Brasil extra-amazônico. 1988. 183 f. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1988.

[3] BACKES, P.; IRGANG, B. Mata Atlântica: as árvores e a paisagem. Porto Alegre: Paisagem do Sul, 2004. 396p.

[4] LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

[5] MAAS, P.; LOBÃO, A.; RAINER, H. Annonaceae. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 19 jun. 2013.

[6] TABARELLI, M.; MANTOVANI, W. Colonização de clareiras naturais na floresta atlântica no sudeste do Brasil. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 56-66, jun. 1997.

[7] OLIVEIRA-FILHO, A. T.; CAMISÃO NETO, A. A.; VOLPATO, M. M. L. Structure and dispersion of four tree populations in an area of montane semideciuous forest in southeastern Brazil. Biotropica, Campinas, v. 28, n. 4b, p. 762-769, 1996.

[8] ANDRADE, B. M.; OLIVEIRA-FILHO, A. T.; SOARES, A. R. Pollination and breeding system of Xylopia brasiliensis Sprengel (Annonaceae) in south-eastern Brazil. Journal of Tropical Ecology, Cambridge, v. 12, p. 313-320, 1996.

[9] DIAS, M. C.; VIEIRA, A. O. S.; NAKAJIMA, J. N.; PIMENTA, J. A.; LOBO, P. C. Composição florística e fitossociologia do componente arbóreo das florestas ciliares do Rio Iapó, na bacia do Rio Tibagi, Tibagi, PR. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 21, n. 2, ago. 1998. Disponível em: http:. Acesso em: 25 abr. 2013.

[10] ARAÚJO, F. S.; MARTINS, S. V.; MEIRA NETO, J. A. A.; LANI, J. L.; PIRES, I. E. Estrutura da vegetação arbustivo-arbórea colonizadora de uma área degradada por mineração de caulim, Brás Pires, MG. Revista Árvore, Viçosa, v. 30, n. 1, p. 107-116, 2006.

[11] VILELA, E. de A.; OLIVEIRA FILHO, A. T. de; GAVILANES, M. L.; CARVALHO, D. A. de. Espécies de matas ciliares com potencial para estudos de revegetação no alto Rio Grande, sul de Minas. Revista Árvore, Viçosa, v. 17, n. 2, p. 117-128,

1993.

[12] CARNEIRO, M. A. C.; SIQUEIRA, J. O.; MOREIRA, F. M. S.; CARVALHO, D. de; BOTELHO, S. A.; JUNIOR, O. J. S. Micorriza arbuscular em espécies arbóreas e arbustivas nativas de ocorrência no sudeste do Brasil. Cerne, Lavras, v. 4, n. 1, p. 129-145, 1998.

[13] MARTINS, S. V. Recuperação de matas ciliares. 2 ed. Viçosa: Aprenda Fácil Editora, 2007. v. 1, 255 p.